

A Questão da Qualidade na Formação dos Profissionais para o Turismo Sustentável

Zysman Neiman*

Mayara Roberta Martins**

Resumo

Este estudo, realizado por meio de pesquisa documental em dados encontrados em *websites* dos cursos de graduação em Turismo, nas instituições públicas de ensino superior, tem como objetivo detectar se nos currículos há espaços para a discussão de práticas de desenvolvimento sustentável na formação do profissional de turismo da atualidade. Foram analisados o ano de abertura dos cursos, suas matrizes curriculares, objetivos e eventuais menções à temática da Sustentabilidade através da apresentação de disciplinas. Verificou-se, também, se existiam projetos e atividades de extensão universitária que debatessem a prática de um planejamento turístico das regiões, agregando valores de preservação do meio ambiente. Por fim, verificou-se a existência de grupos de pesquisa sobre Turismo Sustentável. O estudo demonstra que há falta de muitas informações a respeito dos cursos, e, principalmente, uma carência de abordagem sobre a temática da sustentabilidade. Porém, detectou-se uma tendência, nos últimos anos, principalmente nos cursos recém criados, de fomentação à projetos e análise de questões que envolvam aspectos sócio-econômicos e ambientais.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Cursos de Turismo; Universidades Públicas.

Abstract

This study, conducted by means of desk research on data found on websites of undergraduate courses of tourism in public institutions of education higher, aims to detect in the curriculum if there is space for the discussion of practice sustainable development in the formation of touring professional in actuality. Their curriculum, objectives and any references to the theme of Sustainability through the presentation of disciplines were examined. The existence of projects and university extension's activities which debate the practice of planning a tour of the regions were also examined. Finally, there was the existence of research groups concerned to address Sustainable Tourism. The study shows that there is a lack of information by many of the courses, and most importantly, a lack of approach on the issue of sustainability. However, it was detected a trend in recent years, especially in the newly created courses, encouraging projects and analysis of issues involving the socio-economic and environmental.

Key-words: Sustainability; Courses of Tourism; Public Universities.



Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social



Introdução

O debate em torno das questões ambientais cresceu e ganhou dimensões nacionais, principalmente após a Conferência RIO-92. Devido as suas proporções, essas questões deveriam ser tratadas de forma interdisciplinar. Entretanto, há uma carência muito grande de profissionais com este perfil, principalmente em nosso país, que possam dar conta de equacionar os problemas e propor soluções.

No caso da área do turismo a sustentabilidade "depende de uma concepção estratégica e duradoura de desenvolvimento, apoiada numa interpretação interdisciplinar e integral da dinâmica regional, resultado de uma sinergia mutante, apoiada na noção de "espaço" material e imaterial, lugar concreto e abstrato, cenário de interações, conflitos e transformações, ponto de contato simbólico entre local e global" (Irving e Bursztyn, 2005, p.2).

Para que esses pressupostos possam estar claros aos profissionais de turismo, é preciso que os cursos de graduação nesta área tenham um caráter interdisciplinar visando romper com uma interpretação fragmentada da realidade tão presente no mundo de hoje. A formação dos alunos desses cursos deve procurar destruir a visão de uma natureza objetiva e exterior ao homem, que pressupõe uma idéia de homem não natural e fora da natureza, cristalizada com a civilização industrial inaugurada pelo capitalismo. As ciências da natureza não podem se separadas das ciências do homem; deve-se evitar a criação de um abismo colossal entre uma e outra.

Mas a realidade que assistimos no cenário acadêmico brasileiro infelizmente parece ser outra. Em que medida a formação dos profissionais de turismo pode contribuir para a aproximação entre os conceitos e práticas relativas à sustentabilidade sócio-ambiental, impedindo que as mesmas sejam

preteridas em função das "tendências naturais do mercado"? Quais seriam os conceitos mais universais relativos ao desenvolvimento sustentável e até que ponto podemos continuar na expectativa de que os princípios defendidos pelos estudiosos da área não se percam, uma vez que a sua prática vem sendo realizada sem muito aprofundamento conceitual? Qual o papel das Instituições de Ensino que formam os profissionais de turismo nesta aproximação?

O estudo apresentado a seguir, realizado por meio de pesquisa documental em dados encontrados em *websites* dos cursos de graduação, nas instituições públicas de ensino superior, tem como objetivo detectar se nos currículos há a previsão de espaços para a discussão de práticas de desenvolvimento sustentável na formação do profissional de turismo da atualidade. Um levantamento de dados sobre as temáticas sustentáveis pode apontar como as instituições de ensino superiores público de turismo brasileiro, estão abordando temas que possam gerar uma reflexão para tornar a atividade do turismo menos predatório e com mais preservação dos recursos naturais e histórico-culturais do nosso país.

Fundamentação Teórica

Sobre a importância da temática ambiental no turismo

A relação entre mercado e conceituação acadêmica nem sempre se contrapõe. Ao contrário! Os profissionais realmente comprometidos com a qualidade dos seus serviços sempre procuram buscar uma leitura mais complexa, que envolve, a partir do universo acadêmico, a necessidade da realização de atividades que, ao mesmo tempo em que se aproximam do ideal teórico, atendam ao mercado e

*Doutor em Psicologia (Psicologia Experimental com pesquisa em Educação Ambiental através do contato com a Natureza) pela Universidade de São Paulo (2007), passagem pelo programa de doutorado em Ciência Ambiental pela Universidade de São Paulo (2000-2004), mestre em Psicologia (Psicologia Experimental, com ênfase em Ecologia Comportamental) pela Universidade de São Paulo (1991), Licenciado em Ciências pela Universidade de São Paulo (1986), Licenciado em Biologia pela Universidade de São Paulo (1986), e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (1986). Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde coordena o Laboratório de Ecoturismo, Percepção e Educação Ambiental - LEPEA, e Diretor Presidente do Instituto Physis - Cultura & Ambiente. Foi um dos redatores do Tema Transversal "Meio Ambiente", dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental do MEC (1998). É autor de diversos livros na área de Meio Ambiente. Tem experiência na área de Ecologia, com ênfase em Educação Ambiental, atuando principalmente nos seguintes temas: Ecoturismo, Educação Ambiental, Percepção, Meio Ambiente, Unidades de Conservação, Terceiro Setor, Ambientalismo, Educação e Ensino Fundamental e Médio.
**Aluna de Graduação de Turismo da Universidade Federal de São Carlos, Bolsista de Iniciação Científica - ProPG.

garantam a sobrevivência dos próprios profissionais e seus negócios.

Uma prática instrumental da Sustentabilidade que precisa ser melhor estudada e compreendida é o Ecoturismo, que, apesar de já ser praticado há mais de cem anos (desde a criação dos primeiros parques nacionais no mundo: *Yellowstone* e *Yosemite*), só nos últimos anos do século XX se configurou como um fenômeno crescente e economicamente significativo. As atividades na natureza constituem um conjunto de práticas recreativas que surge nos países desenvolvidos na década de 1970, cresce e se multiplica nos anos de 1980, e se consolida na década de 1990, com o advento de novos hábitos e gostos da sociedade pós-industrial (Betrán, 1995). No Brasil, a década de 1980 foi a precursora das atividades físicas realizadas na natureza, alternando práticas mais esportivas e gerais. Diversos autores têm publicado trabalhos sobre o tema (Carneiro; Kastenholz, 2005; Costa; Costa, 2005; Gomes, 2003; Kinker, 2002; Leal-Filho, 2005; Pedrini, 2005, 2006, 2007; Pedrini; Torgano, 2005; Pires, 1998; Rodrigues, 2003; Salvati, 2003; Wall, 1997; dentre outros).

O Ecoturismo se apresenta como uma alternativa de se contrapor à lógica do turismo de massa (standardizado e predatório) e procura cada vez mais defender a proposição de roteiros personalizados, preocupados com o mínimo impacto e com grande interesse paisagístico-ecológico (Serrano, 1997). No entanto, trata-se de um fenômeno complexo e multidisciplinar, onde muitos aspectos devem ser levados em conta a fim de que ele seja um empreendimento bem sucedido para todos os envolvidos (Ceballos-Lascuráin, 1995).

Como segmento de mercado o ecoturismo nasceu entre alguns poucos excursionistas, pessoas que se organizavam em *clubes* em busca de companheirismo, confiança, e que se preocupavam com

temas comuns, como a preservação das matas, das cavernas e de outras paisagens naturais. Foram alguns desses *velhos excursionistas* que se tornaram os jovens empresários e empreendedores do Ecoturismo. Na sua origem, portanto, houve um comprometimento natural advindo de uma ética compartilhada por esses profissionais, com a conservação da natureza, com o de bem-estar das pessoas e com a segurança das práticas ecoturísticas.

O Ecoturismo vem, desde esses pioneiros, conquistando novas fatias de consumidores, que do ponto de vista ambiental, costumam colocar em xeque a sustentabilidade e os benefícios sócio-ambientais de sua prática. No entanto, com a expansão do mercado, foi ocorrendo um gradual, mas permanente, afastamento entre conceito e prática. Os novos empresários que migraram para o segmento não compartilharam do mesmo compromisso, vislumbrado exclusivamente as vantagens econômicas que podiam tirar deste crescimento.

Com a expansão natural do segmento e a má compreensão de seus princípios por alguns profissionais recém ingressos no mercado, urge que haja um movimento acadêmico que vai em direção do resgate dos conceitos do que seja o desenvolvimento sustentável e sua diferenciação do conceito de Sociedades Sustentáveis. Hoje é fundamental retomar este debate sobre as várias concepções no que elas têm de mais interessantes, conflitantes e complementares, sem entrar no mérito de qual ou quais conceitos sejam os definitivos. Essa é a função precípua das Instituições formadoras de mão-de-obra para o setor.

A Gestão Ambiental do Turismo consolida-se, assim, como uma carreira primordial, responsável pelo desenvolvimento de projetos e o exercício

de atividades de monitoramento para impedir ou diminuir a poluição e a deterioração das águas, da mata, do solo, e do ambiente urbano, produzidos direta ou indiretamente pela atividade turística.

Ceballos-Lascuráin (1996) defende que o Ecoturismo, como um segmento diferenciado, prime pela extrema necessidade de planejamento das ações, para que estas levem a sustentabilidade aos ambientes naturais e culturais, conduzindo a um desenvolvimento regional sustentável e a uma maior conscientização comportamental dos visitantes nas áreas que estão sendo visitadas.

No entanto, Neiman (2005) defende que as instituições brasileiras voltadas para a organização e execução das atividades ecoturísticas possuem um caráter estritamente empresarial. Sendo assim, funcionam dentro da lógica do mercado e priorizam os aspectos voltados à prestação de serviços e ao retorno econômico em detrimento das prioridades conservacionistas e educacionais.

Desta forma, sem a atuação educadora de todos os profissionais envolvidos com o Ecoturismo, fica mais difícil vislumbrar-se importantes processos de mudança de valores e atitudes. Por ter surgido como um negócio, o setor ecoturístico não se propôs, ainda, a refletir sobre o que faz. Produz viagens e não prioritariamente experiências, nem conhecimento. Só reproduz estratégias de *marketing* e conceitos administrativos convencionais, aplicados tradicionalmente a outras áreas do chamado mercado turístico (Neiman e Mendonça, 2000).

Apesar de haver um discurso ecológico que legitima a realização dos esportes em cachoeiras, cavernas, trilhas e montanhas, sem muito questionamento, permeando sua prática com nuances românticas e utilizando termos como "harmonização com a natureza", "integração com a natureza" e outros, presencia-se "uma situação que revela que o

caráter inofensivo dos mesmos não se mostra sustentável" (Bruhns, 2000, p.27).

As divergências filosóficas, ideológicas e conceituais sobre o Ecoturismo talvez representem o tópico central a ser equacionado e trabalhado metodologicamente como ponto de partida para o desenho estratégico de programas efetivos de Educação Ambiental (Neiman, 2007).

O Ensino de Turismo e o tema Sustentabilidade

Vários são os autores que, através de seus estudos, demonstram existir sérios equívocos no que tange às práticas, ao planejamento e às atitudes vivenciadas em atividades realizadas em áreas naturais. Estes vêm buscando refletir e apontar novas perspectivas de uma lógica pautada em possibilidades de superação do lazer, *mercadológico* e mal planejado, em direção a uma conscientização ambiental.

Trabalhar essas questões, nos cursos de graduação exige uma postura diferenciada no que se refere aos conteúdos e métodos de ensino, sendo função do professor, o papel de orientador do processo de aprendizagem.

Para Catramby e Costa (2005), a qualidade dos serviços prestados pelo turismo está diretamente ligada à qualidade da formação de recursos humanos para o setor. Os cursos de turismo, no entanto, passam hoje, no Brasil, por uma crise de identidade. Segundo Cooper, Shepherd e Westlake (2001, p.46), no que tange aos "(...) problemas associados à educação em turismo, pode-se notar que ele está-se aproximando de sua 'crise de meia-idade'. Não é mais matéria jovem, mas também não atingiu a maturidade". A crise está ligada, em muitos casos, ao salto de qualidade almejado pelo segmento. As Instituições que se ocupavam exclusivamente com a formação técnica (que hoje ninguém sabe exatamente o que é) aos poucos foram ganhando repertório

universitário acadêmico, quando passaram a abrir uma pluralidade de cursos novos, e isso trouxe ambigüidades que são extremamente interessantes. Para os autores, a área esta cada vez mais se empenhando para ser reconhecida no âmbito acadêmico, e esta tendência tem se refletido principalmente pelo crescente número de jornais acadêmicos, livros, e sociedades da área, que vem se estabelecendo em virtude do turismo, se bem que, quando comparado as outras áreas, suas publicações ainda são poucas.

As Instituições precisam se definir se optam por serem mais técnicas ou mais acadêmicas. Esta segurança, num mundo de inseguranças, já é um enorme diferencial. O mercado necessariamente ruma para reduções, para ações pontuais, uma vez que, no seu cotidiano, o trabalho costuma tender para a simplicidade operacional. O mercado normalmente se fecha à lógica e à razão, sempre que transforma *conceito em produto*, gerando, assim, obrigatoriamente, essas reduções. Se as Instituições de Ensino Superior assumirem o debate exclusivamente sob o ponto de vista desse mercado, elas correm o risco de serem igualmente reducionistas.

Quanto às questões didáticas, Catramby e Costa (2005) defendem que o ensino do Turismo, em seus diferentes níveis, precisaria muito mais do que um mero profissional habilitado a lecionar, mas sim um educador com formação estruturada para tal fim, "tendo plena consciência da multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade necessária no entendimento deste fenômeno (p.24)". Afinal, é quase consenso entre os especialistas que a questão ambiental é multidisciplinar e interdisciplinar.

Conseqüentemente, é importante afirmar que cabe aos educadores, juntamente com a discussão sobre os conceitos de sustentabilidade, o dever de rever o objetivo das Universidades e Centros

de Pesquisa em Turismo na formação de profissionais de qualquer nível, e em particular na graduação e pós-graduação. Segundo Jafari e Ritche (1981), a pesquisa deveria ser priorizada, garantido assim uma maior integração entre os conteúdos ministrados pelas disciplinas e a facilitação de uma evolução bem planejada que incluem educadores, estudantes, pesquisadores e o próprio mercado. A interdisciplinaridade, conforme a argumentação de Dencker (2002), surgiu frente a um panorama reducionista com distorções no conhecimento como um todo em decorrência da especialização e fragmentação de disciplinas.

Trata-se, portanto, de enfrentar os reducionismos que o mercado sugere. Isso, é claro, sem correr o risco de deixar de olhar para as questões de mercado, pois seria ilusório, pueril, descuidado, não observar que existe uma demanda por certos tipos de serviço. Se as instituições que qualificam a mão-de-obra não adequarem os seus currículos para aprofundar sua qualidade, não haverá sistema de certificação algum que garantirá a qualidade dos serviços; o país continuará com a "triste realidade de termos postos de trabalho no setor, porém, sem a oferta de profissionais habilitados para preenchê-los" (Catramby e Costa, 2004, p.33)

Os alunos que procuram cursos de formação no nível de graduação ou pós-graduação querem, fundamentalmente, se aparelhar. Numa visão restrita e imediatista, querem sua inserção profissional dentro desta perspectiva de mercado que tudo simplifica. Contentam-se em ser *emissores de passagem*. Mas se é só isso que procuram é isso que a universidade deve oferecer? Para tanto nem é preciso grandes debates: criam-se cursos exclusivamente tecnocráticos sobre "como ser um bom profissional de Ecoturismo". No entanto, se realmente as universidades forem assumir seu papel de geradoras de

mudanças das práticas socialmente consolidadas, elas precisam surpreender seus alunos. Eles vêm procurar *emissão de passagem* e são surpreendidos com uma formação extremamente rica do ponto de vista conceitual, com a qual eles possam fazer uma diferença no mercado. Só assim eles poderão conquistar um novo espaço que no Brasil não existe ainda: o profissional do verdadeiro Ecoturismo. Os que hoje estão mais bem situados no segmento são justamente aqueles que conseguiram ir além de suas especialidades (de biólogo, turismólogo, geógrafo etc.) e se tornaram pessoas com ampla visão do fenômeno. Não é só criar pacotes com um *ilusório* tema ambiental, mas sim compreender os princípios do Ecoturismo e tentar executá-los de fato, fazendo com que seus clientes aprendam algo e se sensibilizem com o que ainda resta de nossos recursos naturais.

Infelizmente, além da falta de articulação e envolvimento de comunidades locais residentes em áreas onde são implantados projetos de Ecoturismo, nota-se uma preocupação crescente quanto aos aspectos relacionados com o *uso* da natureza como mercadoria e a conseqüente devastação ambiental. Muitos dos erros cometidos no modelo econômico vivido na sociedade - lucro, ganância, degradação -, estão sendo cometidos no turismo, diminuindo sua credibilidade (Menezes e Coriolano, 2002).

Se os educadores assumirem o compromisso de oferecer um curso com densidade conceitual, que forneça embasamento em questões de conhecimentos gerais e específicos, e que esteja atenta ao debate sobre a sustentabilidade sócio-ambiental e econômica, os profissionais formados terão condições de exercer funções das mais complexas às mais simples. Esses alunos terão um campo mais amplo para práticas profissionais e para as ações no mercado. Já

o contrário, não. Uma formação limitada nas ações, nas técnicas, nos mecanismos de funcionamento de uma empresa ou de um produto qualquer não propicia mecanicamente profundidade de compreensão sobre o fenômeno do turismo. Os profissionais com deficiência de formação não conseguem encontrar caminhos para observar a realidade e poder dela se afastar para produzir as críticas necessárias às mudanças que o próprio mercado necessita. Nesse sentido, olhar para o mercado e só para ele é uma prática autofágica, enquanto ter um ponto de vista mais elaborado para observar o mercado e *devorá-lo* é antropofágico. E esses são dois conceitos bem diferentes. Os cursos de graduação e pós-graduação em turismo deveriam partir ao máximo para a antropofagia. Gerar e disseminar grandes conceitos que podem renovar as questões do mercado e as suas ações, que possam *mastigar* essas ações, e produzir outras novas.

Este deveria ser o direcionamento adotado pelos educadores de turismo, que unisse a prática mercadológica a conceitos acadêmicos, a fim de gerar novas aprendizagens e novos conhecimentos, enfim tornar os profissionais deste setor, com uma maior coerência ética e com a consciência de que suas ações irão refletir rapidamente, sendo estas boas ou ruins. É como uma metáfora: preparar profissionais para a grande cozinha internacional, aos grandes sabores, para que esse profissional possa, depois, no mercado, ter um cardápio a sua disposição para negociar nas várias frentes de trabalho, inclusive no pequeno restaurante de bairro. O que acontece no cotidiano do mercado de Ecoturismo é que ele está se reduzindo a uma ação *self-service* conectada ao turismo de massa, ao turismo sem reflexão sobre sua prática. Ele está se distanciando em relações àquelas questões conceituais de formação, de sensibilização,

de Educação Ambiental e de sustentabilidade que lhe são atributos indispensáveis.

Para Silva (2005) a relação do mercado com as questões ambientais vem ganhando corpo ano após ano, e depende intensamente da prestação de serviços com uma qualidade agregada. Sendo assim, o autor acredita ser de extrema importância a capacitação profissional altamente especializada como fator preponderante da qualidade nos serviços, especialmente no plano operacional, objetivando a atuação no mercado, ao aprimorar a formação dos atores responsáveis pela concepção, implantação, gestão e monitoramento de projetos integrados que garantam a sustentabilidade ambiental.

O esforço em sensibilização da sociedade para o turismo sustentável é, portanto, essencial para a construção de novos paradigmas de desenvolvimento turístico. Para isso, temas relacionados à educação, cultura e formas de organização social, devem estar incorporados à discussão, de maneira que as comunidades de destino possam se organizar e se qualificar para a gestão do turismo (Irving e Burszty, 2005). Os conteúdos programáticos devem ser desenvolvidos com o objetivo de transformar uma visão que coloca o saber como algo distante, aproximando o indivíduo da realidade que está sendo estudada, buscando uma interação entre a sensibilidade e a razão do sujeito e o meio que o cerca. Para isso deve trabalhar com textos, *softwares*, vivências, debates, estágios, resolução de problemas práticos buscando uma nova significação a respeito dos problemas ambientais e da atuação de cada indivíduo sobre ele. Mas é nessa direção que estão estruturados os cursos de graduação em turismo de nosso país?

Metodologia

Esta pesquisa foi realizada no período de 29/01/2007 a 19/02/2007, através da análise dos *websites* de 27 instituições públicas de ensino superior (IES), que oferecem a graduação no curso de Turismo, para verificar, na sua grade curricular, a preocupação com o desenvolvimento sustentável das práticas turísticas, revelada, principalmente, a partir de existência de disciplinas correlacionadas a esse tema ou a menções no projeto pedagógico.

Optou-se pelas Instituições Públicas para reduzir o universo de amostragem, uma vez que existem mais de 400 Instituições de Ensino Superior com cursos de turismo, o que dificultaria a análise do conjunto maior. Coletou-se o máximo de informações oferecidas nas páginas dessas Universidades, subdivididas pelas regiões: (norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul).

Foram analisadas desde as descrições dos cursos (apresentações), passando pelas grades suas curriculares oferecidas, existência e repertório de disciplinas optativas e eletivas, empresas juniores, programas de extensão e de pós - graduação, opção por ênfases ou tendências específicas para a temática da sustentabilidade e do meio ambiente.

Análise de Dados e Resultados

Região Norte

Foram analisadas: Universidade do Estado do Amazonas - UEA; Universidade Federal do Pará - UFPA, incluindo o *campus* Soure.

Estas instituições foram analisadas pelo *website* do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), que disponibiliza apenas um resumo oferecido pelo *website* destas universidades, onde são apresentados apenas a localização do curso, a data de

funcionamento, a duração, e a carga mínima de horas/aulas. Foi possível uma análise mais detalhada apenas no caso da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, cujo *website* apresenta elementos que revelam uma preocupação na formação de profissionais com responsabilidade e visão crítica no sentido de conservar o meio ambiente. Tem várias atividades de extensão e projetos que envolvem o tema da sustentabilidade além de mestrado nesta área.

O *website* da UEA apresenta uma página exclusiva do curso de turismo, que salienta a preocupação no seu desenvolvimento nas esferas social, econômica e ambiental, focando um bom planejamento e gestão de recursos humanos e naturais e as relações entre passado, presente e futuro. Há, também, *links* para cursos de pós - graduação em Direito Ambiental, Mestrado em Biotecnologia e Recursos Naturais, e Especialização em Gestão Ambiental, porém não foi possível a visualização de cada um deles. A Universidade edita uma revista da área de Turismo (Revista Aboré), e outra da área de direito ambiental (Revista HILÉIA), abordando temas que envolvem a defesa do meio ambiente e de seus recursos, com ênfase na sustentabilidade.

No âmbito das pesquisas, é apresentado o trabalho de docentes sobre o patrimônio eco-cultural e a história da Serra do Japi - SP, sobre patrimônio cultural tangível e intangível da nação, e o sobre os conceitos de cultura material, patrimônio edificado e patrimônio imaterial.

Por fim, o *website* apresenta uma lista das atividades de iniciação científica complementares, como "Revitalização do Centro Antigo de Manaus", "Impacto Ambiental do Hotel de Selva Flutuante na Amazônia", " Desenvolvimento Sustentável no município do Rio Preto da Eva - AM", "Desenvolvimento Sustentável no município

de Iranduba - AM", e "Impacto Ambiental do Hotel de Selva em terra-firme na Amazônia".

Região Nordeste

Foram analisadas: Universidade do Estado da Bahia - UNEB (*campus* de Salvador - onde funciona o curso de Turismo e Hotelaria e o *campus* de Eunápolis com graduação em Turismo); Universidade Federal do Maranhão - UFMA; Universidade Federal da Paraíba - UFPB (Turismo com ênfase em marketing turístico e em planejamento e organização do turismo); Universidade Federal de Pernambuco - UFPE; Universidade Estadual do Piauí - UESPI (*campus* Poeta Torquato Neto); Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN (*campus* de Areia Branca e Natal); Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

NA UNEB de Salvador, as informações vinculadas ao curso são mais voltadas para a hotelaria, salientando o planejamento e consultoria nas atividades ligadas ao turismo nestes empreendimentos. É demonstrada certa preocupação com o manejo dos recursos naturais e histórico-culturais como forma de um planejamento de turismo com bases na sustentabilidade dos bens a serem utilizados. O curso desta instituição salienta a preocupação em formar um profissional responsável, com uma visão crítica dos acontecimentos globais e no que isso possa intervir no desenvolvimento. Na Universidade foi verificada a existência de um Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional. Há programas de pós graduação *stricto sensu* (Mestrado em Horticultura Irrigada; Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional) e *lato sensu* (Gestão Estratégica e Desenvolvimento Sustentável do Meio Ambiente; História, Cultura e Tradições Afro-Brasileiras) que dialogam com os princípios de

sustentabilidade. Haviam sido aprovados, ainda os seguintes programas e cursos: Programa de Pós-Graduação em Recursos Vegetais; Curso de Especialização em Políticas Públicas e Orçamentárias, Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural; Centro de Pesquisa Arqueológica e Antropológica e também o Programa de Pós-Graduação em Ecologia Sócio-Ambiental. No que se refere às pesquisas, há vários centros de estudos como, por exemplo, o Centro de Estudos Euclides da Cunha; o Centro de Estudos das Populações Afro-Indígenas-Americanas; o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento; o Núcleo de Artes; o Núcleo de Assistência a Portadores de Necessidades Especiais; e o Núcleo de Ética e Cidadania.

Como nas anteriores, a UFMA apresenta seu curso de Turismo seguindo também alguns valores já salientados e outros que visam atender especificamente a demanda do mercado. A ênfase é nas áreas de lazer, recreação e cultura, e sua grade curricular é voltada para a história maranhense e para o planejamento de setores recreacionais, não apresentando disciplinas específicas da área ambiental.

A UFPB por sua vez, apresenta além das disciplinas obrigatórias que compõe geralmente os cursos de Turismo, outras específicas da área ambiental como "Bases Ecológicas para o Turismo" e "Ecoturismo", além de várias optativas ("Ecologia Humana", "Fauna e Flora do Nordeste Brasileiro", "Utilização de Ecossistemas Aquáticos para o Turismo", "Educação Ambiental", "Psicologia Ambiental", "Direito Ambiental", e "Saúde Ambiental"). As duas habilitações do curso são "Planejamento e Organização do Turismo" e "Marketing Turístico".

O curso de Turismo na UFPE surgiu, em 1995, da necessidade de formar mão-de-obra qualificada para atender as necessidades no desenvolvimento do turismo no Estado, que cada vez mais vem atendendo milhares de

turistas originários não só do Brasil, mas também do exterior devido a sua exuberante beleza natural. Daí vem a necessidade do desenvolvimento de um curso que não só priorizasse a busca por lucros mais também o Desenvolvimento Sustentável da região. Por isso, além de oferecer ao aluno das duas ênfases ("Marketing e Planejamento Turístico" e "Animação e Lazer"), oferece, também, em sua grade curricular, disciplinas como "Turismo e Meio Ambiente" e "Ecoturismo", dando a entender que há uma preocupação com meio ambiente no qual o turismo se desenvolve.

No *website* da UESPI foi encontrado somente um texto geral abordando os cursos a serem oferecidos, dentre os quais é citado o Curso de Turismo, ligado ao Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA, no campus Poeta Torquato Neto, que também abriga os cursos de Direito, Ciências Contábeis, Comunicação Social, Administração de Empresas, e Biblioteconomia. Não há muitos detalhes sobre a formatação e as características do curso que pudessem ser analisadas.

No caso da UERN (*campus* de Areia Branca e Natal); foi possível a visualização das descrições sobre o curso e seus objetivos, que, a exemplo de algumas outras universidades já apresentadas, visam formar profissionais capazes de resolver os mais diversos problemas, com um bom preparo para o mercado de trabalho, mas com uma maior preocupação com impactos em relação ao meio ambiente. Algumas afirmações do *website* dão mais clareza sobre esses objetivos, como: "é nossa missão formar um profissional apto a atuar em mercados de trabalho altamente competitivos e em constante transformação, cujas opções promovem um impacto profundo na vida social, econômica e no meio ambiente, exigindo uma formação

generalista". A Universidade oferece um Curso de Mestrado em "Desenvolvimento e Meio Ambiente", e mais de 30 cursos de especialização. No campo da pesquisa, há 27 grupos cadastrados no Diretório 5.0 do CNPq, após a aprovação de importantes projetos de pesquisa, em atendimento à editais regionais e nacionais.

A graduação em Turismo da UFRN é apresentada não só no *website* da Universidade, como também numa página especialmente desenvolvida sobre o curso. No *website* da universidade é apresentado apenas um breve perfil sobre o bacharel em turismo, mostrando as áreas de atuação. Há duas habilitações neste curso ("Gestão Hoteleira" e "Gestão da Animação Turística"). A apresentação destas duas habilitações demonstra a preocupação não só com a criatividade e empreendedorismo, mas como desenvolvê-las plenamente e de acordo com as tendências do mercado. Manifesta, também, o desejo de proporcionar um desenvolvimento cultural através da criação destes serviços, em parceria com os outros setores públicos ou privados, e em benefício da população local com um desenvolvimento sócio-cultural e com a preocupação e cautela para preservar o meio ambiente. Assim estas habilitações também visam segmentos como o Turismo Ecológico, Social, para idosos, deficientes físicos, segmentos étnicos ou culturais em geral. A grade curricular apresenta algumas disciplinas da área ambiental, como "Estratégias de Desenvolvimento Humano: Natureza e Cultura", "Cultura e Meio Ambiente", "Ecoturismo e Educação", "Ecoturismo", "Gestão Ambiental" e "Gestão do Patrimônio Físico". Há também um projeto de extensão, ("Programa Trilhas Potiguares"), cujo objetivo é levar o conhecimento gerado na universidade, para o benefício e desenvolvimento sustentável das comunidades locais. Este projeto deu ênfase

para a Educação Ambiental, proporcionando as comunidades, noções de equilíbrio entre homem e natureza e práticas para a melhoria da qualidade de vida da população potiguar, sintonizando cultura e tradição local e promovendo um intercâmbio entre os conhecimentos acadêmico e popular. Em cinco de atuação, o projeto chegou a 37 municípios, sendo estes localizados em umas das zonas mais secas do Estado. Contando com a participação de mais de 2000 voluntários, entre alunos, professores e funcionários da UFRN, beneficiando uma população, até o momento de mais de 100 mil pessoas. Por fim, Há ainda o oferecimento de Pós-Graduação (MBA Executivo) em Gestão Ambiental, com turmas sendo abertas a cada trimestre.

Região Centro-Oeste

Foram analisadas a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS (*campus* Aquidauana); Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul -UEMS (*campus* Dourados e Jardim) e a Universidade do Estado do Mato Grosso - Unemat (*campus* de Nova Xavantina).

Não foi possível o acesso às informações do *website* da UFMS, pois o Sistema de Informação de Ensino apresentou falhas na geração dos dados, e os tópicos relacionados ao curso de Turismo (última tentativa em 3 de fevereiro de 2007, data na qual ainda haviam problemas de acesso).

O *website* da UEMS informa que o curso visa formar profissionais de Turismo, nos *campi* de Dourados e Jardim, com ênfase em "Ambientes Naturais", demonstrando, assim, sua preocupação com o desenvolvimento do turismo de forma sustentável. Uma das grandes preocupações do curso é a preservação dos principais ecossistemas presentes no Estado de Mato Grosso do Sul, como o complexo do Pantanal e as áreas de Cerrado, tentando

discutir as formas de implementação de um turismo saudável, que não agrida a natureza e nem provoque desconfortos às populações nativas da região. A preocupação com o meio ambiente é também demonstrada no item "finalidade e objetivos do curso", e na grade curricular, que possui disciplinas específicas nessa área ("Ecologia Aplicada ao Turismo", "Educação Ambiental", "Técnicas de Identificação e Caracterização de Ambientes Naturais", "Ecossistemas Brasileiros", "Gestão Ambiental", "Ética e Turismo", "Turismo em Ambientes Naturais"). Seu website está construído com o claro desejo de estabelecer uma maior comunicação entre os discentes e a coordenação do curso, e também de promover o acesso de informações à comunidade externa, que pode conhecer os princípios da profissão e a preocupação com o desenvolvimento sustentável dos recursos naturais do Estado. Em 2006 o curso promoveu o 1º Encontro Científico de Turismo em Ambientes Naturais, que discutiu aspectos éticos para uma boa gestão dos recursos sociais e ambientais.

Na Unemat, o *website* informa pouco, mas define que o objetivo é a formação superior em turismo de modo a promover um alto nível de realização de pesquisas nesta área, com o aval dos departamentos federais, estaduais e municipais e privados que queiram promover o turismo, através da conscientização da importância econômica e social, de todos os setores que envolvem esta prática, cultivando assim o bem-estar da população local e dos recursos naturais oferecidos.

Região Sudeste

Foram analisadas a Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG; a Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF; a Universidade Federal de Ouro Preto - Ufop; a Universidade Federal Fluminense - UFF (*campi* Niterói e Quissamã); a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ (*campi* Nova

Iguaçu); a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Unirio (Urca); a Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho" - Unesp (*campus* Rosana); a Universidade de São Paulo - USP (*campi* Principal e USP Leste); e a Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (*campus* de Sorocaba).

Há na página inicial do curso de Turismo da UFMG um breve resumo sobre a área, salientando que o Turismo é uma ótima opção para o desenvolvimento econômico, principalmente num país de proporções continentais e de inúmeras variações como o Brasil. Assim, a apresentação do curso defende que o profissional da área precisa ter um amplo conhecimento sobre aspectos culturais e sociais, principalmente de sua esfera de atuação regional. As ênfases são "Planejamento Integrado do Turismo" e "Gestão de Empreendimentos Turísticos". O foco deste curso é a dimensão espacial/territorial do planejamento turístico, com enfoque para o papel central das paisagens na avaliação do potencial turístico e estabilidade destes espaços. O *website*, além de abordar as áreas de atuação do bacharel em Turismo, apresenta uma seção onde um profissional já atuante relata o que pensa que deva ser levado em conta nas atividades do turismo, citando brevemente o desenvolvimento sustentável como uma das áreas que deseja atuar.

O curso da UFJF tem ênfase em "Planejamento e Gestão de Empreendimentos Turísticos", com caráter humanístico que alia formação acadêmica a capacitação para o atendimento das exigências do mercado, enfatizando um planejamento do Turismo de forma sustentável. Dentre as atividades existentes, há informações sobre o Laboratório "Armazém de Turismo" e o projeto "Comunicação para o Turismo", que teve como primeira atividade o desenvolvimento do próprio *website* do curso, e em seguida a edição dos jornais

eletrônicos "Atrativo" (semanal) e Giro (mensal). Um projeto de Documentação Turística, resultou na criação do Núcleo de Pesquisa e Documentação Turística -NUPEDTUR. O curso realiza o projeto de pesquisa "Demanda do Parque Nacional de Itatiaia". Há apenas uma disciplina com foco em sustentabilidade ("Planejamento Turístico Ambiental"). A Empresa Júnior do curso ("Rumos") tem como diretriz contribuir para a formação acadêmica e profissional dos alunos do curso, estimulando a atividade turística e de hospitalidade por meio de ações empreendedoras e serviços de qualidade, considerando o desenvolvimento ambiental em seus aspectos econômicos, sociais, culturais e naturais de forma responsável, ética e sustentável.

O *website* do curso de Graduação em Turismo da UFOP oferece apenas informações sucintas e breves. O curso visa formar um planejador em turismo com uma ampla visão empreendedora, verificando as mais variadas oportunidades nas áreas turísticas. Tem como foco as áreas de "Gestão do Turismo", "Produção de Eventos", e "Turismo Cultural e Ecológico".

O *website* da UFF também disponibiliza poucas informações, mas afirma a necessidade em qualificar a mão-de-obra, formar profissionais habilitados a trabalhar na administração e planejamento, bem como formar acadêmicos para a área. Com uma grade multidisciplinar, visa contribuir na formação humanística de seus alunos, dando-lhes suporte para atuar no mercado empresarial e em instituições privadas e públicas, responsáveis pela formulação e implementação de políticas para o meio ambiente, cultura, educação e lazer, obtendo assim resultados também nas esferas sociais.

O *website* da UFRRJ não disponibilizou um *link* para o curso de "Turismo e Hotelaria", pois se tratava de um curso recém implantado na época desta pesquisa.

O curso da Unirio tem o intuito pensar o turismo em relação ao patrimônio natural e / ou cultural e sua influencia na formulação das políticas da área, dentre outros aspectos. Objetiva que seus alunos interpretem o fenômeno turístico, nos mais diferentes contextos, investiguem as conseqüências destas atividades e gerem ações que visem equilibrar o uso dos recursos naturais e culturais disponíveis. Dentre os projetos em andamento há o "Itinerantes Transformando Rumos", com o objetivo de promover uma pesquisa de ordem empírica relacionada ao desenvolvimento de um trabalho social voltado aos jovens carentes do Estado do Rio de Janeiro, tendo como princípio básico de construção a noção de Lazer Turístico-Social, considerando a expressão a partir do viés educacional e do patrimônio envolvido, e o "Itinerarium", uma publicação científica vinculada ao Curso que divulga pesquisas junto à comunidade científica nacional e sul-americana.

O Curso de Turismo da UNESP-Rosana têm ênfase em "Meio Ambiente", e vem atender aos interesses regionais, desenvolvendo a comunidade local com projetos implantados por meio da Universidade. O enfoque nas Ciências Humanas, Ciências da Terra e do Meio Ambiente, é conseqüência, principalmente, do crescimento obtido no setor do Turismo voltado para os Atrativos Naturais. O curso também tem como proposta tentar desenvolver o setor do Turismo Rural na região. Tem a preocupação em formar profissionais que venham a atuar e promover o chamado Turismo Responsável, ou Turismo Sustentável. O curso edita a revista "Dialogando no Turismo", cujo tema da primeira edição (novembro/2006), foi "Turismo em áreas naturais: diagnósticos e prognósticos".

A USP tem seu curso de Turismo ministrado na ECA (Escola de Comunicação e Artes) e procura desenvolver no futuro

bacharel atitudes multidisciplinares, capaz de resolver problemas das áreas pertinentes ao Turismo, dando assim uma parcela empreendedora e globalizada para o aluno. Uma atitude de ordem sustentável promovida pela Universidade é o "USP Recicla", que institui a coleta seletiva de papel nas dependências das Unidades, conscientizando assim alunos, docentes e funcionários sobre a importância de reciclagem de utensílios descartáveis. A ECA edita e publica a Revista "Turismo em Análise". O Curso de "Lazer e Turismo", no *campus* Leste, tem como foco o estudo do Lazer e nas condições para que os seres humanos desenvolvam uma participação social de forma criadora em seu tempo livre, além de realizar o planejamento e atividades de lazer e negócios. Assim o curso e sua especificidade vêm atender a demanda da comunidade da capital paulista, com base em pesquisas feitas para saber quais seriam as profissões de maior interesse e também para atender uma demanda pelo setor de lazer do mercado. O curso em si também promete incluir assuntos de interesse social e que envolvam campos distintos do conhecimento moderno, através de pesquisas e estudos que beneficiem a região e as populações envolvidas. Dentre os projetos desenvolvidos, destaca-se "Os impactos ambientais em áreas urbanas - projeto USP-Leste", um curso destinado a professores das áreas de geografia, ciências, biologia, química e física que se constituiu na primeira atividade acadêmica implantada oficialmente pela USP na região.

A graduação em Turismo oferecida pela UFSCar-Sorocaba tem ênfases em "Ecoturismo" e "Turismo Histórico-Cultural", aliados a temática geral do *campus* pela Sustentabilidade. A implantação do curso visa atender uma demanda regional em promover projetos na Floresta Nacional Ipanema, que preserva recursos ambientais e sociais, contendo grande importância por

seu caráter histórico, ecológico e arquitetônico. Procura, também, desenvolver potenciais turísticos da região do Vale do Ribeira em preservar a fauna, a flora e os resquícios de Mata Atlântica e Cerrado. O *website* destaca o enfoque na ética e na sustentabilidade, mas esclarece que o curso também visa atender ao mercado de trabalho atual. Com um contexto inovador entre os cursos de turismo desenvolvidos no Brasil, o curso abrange os aspectos naturais e também os de preservação do patrimônio cultural e histórico. Alia a prática e a teórica através de disciplinas como "Cartografia", "Geoprocessamento", "Ecologia", "Turismo e Patrimônio Natural", "Turismo e Percepção Ambiental", "Ecoturismo", "Planejamento de Unidades de Conservação" e "Realidade Turística Brasileira", além de um conjunto de disciplinas optativas nesse segmento.

Região Sul

Foram analisadas a Faculdade de Ciências de Apucarana - FECEA; a Faculdade de Ciências e Letras de Campo Mourão - FECILCAM; a Universidade Federal do Paraná-UFPR; a Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste; a Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro); a Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG; e a Universidade Federal de Pelotas - UFPel.

O *website* da FECEA apresenta um perfil do profissional atuante na área de Turismo, reforçando característica multi e interdisciplinares, tendo uma fusão entre as ciências humanas e administrativas. Defende que os egressos tenham iniciativa, visão polivalente e crítica de suas ações, tornando-se empreendedores capazes de desenvolver esta área, transformando esta atividade econômica também em trocas entre fatores humanos, culturais, de lazer e de uma boa convivência entre as partes

que participam direta ou indiretamente do setor. O tema "Sustentabilidade" não é tratado de maneira explícita pelo website, mas pode-se considerar que ele está incluído no objetivo descrito, já que há uma preocupação em apontar a boa relação entre os aspectos sociais, naturais e humanos. Esta idéia é reforçada por algumas das disciplinas apresentadas na grade, que devem incluir esta preocupação, como: "Turismo e Meio Ambiente" e "Patrimônio Histórico e Cultural".

O *website* do curso de "Turismo e Meio Ambiente" da FECILCAM apresentou falhas de modo que a única informação acessível foi um breve relato de como este curso passou a ser oferecido a partir do ano 2000.

As informações obtidas no *website* da UFPR defendem que os profissionais tenham uma preocupação com o desenvolvimento do Turismo de forma sustentável. Mas isto não é constatado na grade curricular do curso, que apresenta uma única disciplina na área ("Turismo e Meio Ambiente"). Este curso oferece ao aluno a escolha de uma dentre oito ênfases ("Planejamento Turístico em Áreas Urbanas", "Planejamento Turístico em Áreas Naturais", "Planejamento de Lazer e Recreação", "Alimentos e Bebidas", "Hotelaria e Meios de Hospedagem", "Eventos", "Transportes" e "Agenciamento"). Os alunos que optarem por "Planejamento Turístico em Áreas Naturais", tem outras disciplinas nas áreas ("Turismo em Planejamento de Áreas Naturais", e "Projeto de Turismo em Planejamento de Áreas Naturais") e podem desenvolver projetos de extensão e estágios. A prática profissional pode ser desenvolvida nos estágios e nos projetos de extensão do Departamento de Turismo - DETUR ("Agetur - Núcleo de Estudos Turísticos", "Serração", e "Observatório de Turismo"). Com a supervisão de professores, os alunos organizam pequenas excursões e desenvolvem projetos de pesquisa e extensão, aulas práticas, visitas técnicas e

viagens de estudos, campanhas de conscientização da comunidade local, entre outras atividades.

O curso da Unioeste salienta que o profissional de turismo deve ter inclinação para lidar com as pessoas; principalmente em virtude da heterogeneidade da demanda turística, no que se refere à nacionalidade, idioma, cultura, necessidades, diferenças sociais e idade. Para seus idealizadores, a diversidade dos serviços turísticos a serem prestados nas diferentes empresas envolvidas - tanto públicas como privadas - faz com que o bacharel em Turismo tenha um conjunto de informações e conhecimentos específicos dos assuntos relativos à natureza, manejo de áreas e práticas com equipamentos constantemente atualizados. Algumas áreas novas estão surgindo, como a atuação em editoração, em empresas e/ou instituições de ensino, no jornalismo com ênfase no turismo, geração de banco de dados para o turismo, tradução e intérprete dirigido para o setor, instituições culturais, *marketing*, e informática aplicada ao turismo. A única disciplina na grade curricular que aborda sustentabilidade é "Turismo e Meio Ambiente".

O *website* da Unicentro não apresenta nenhum tipo de caracterização do curso de Turismo, mas somente a grade de disciplinas onde podem ser encontradas algumas com aderência à área ambiental ("Ciências do Ambiente", "Planejamento do Turismo em Áreas Naturais", "Legislação Turística e Ambiental", e as optativas "Cultura Brasileira", "Meio Físico e Ecossistemas em Projetos Turísticos", "Prática e Ética Profissional em Turismo", e "Relações Humanas em Turismo"). A Universidade possui um programa de pós-graduação denominada "Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento".

O mesmo problema foi observado no *website* da UEPG, que trazia somente a grade curricular para o ano de 2007. Não foi

encontrada nenhuma caracterização do curso de Turismo, e as únicas disciplinas na área ambiental encontradas no curso são "Turismo em Áreas Naturais I" e "Turismo em Áreas Naturais II".

O conteúdo de informações apresentados no *website* da UFPel é muito bom, apresentando um texto de reflexão sobre o turismo, que discute com clareza os princípios da sustentabilidade no Turismo. Para os autores do texto, a questão sobre o papel da universidade na sociedade é de importância central, pois é a partir desta visão que conceberam um Curso de Bacharelado em Turismo, que construíram a idéia da formação que este bacharel deve ter e do que acreditam ser a sua contribuição à sociedade. O Curso de Bacharelado em Turismo foi concebido, assim, com o objetivo de formar profissionais capacitados para lidar com as questões sociais. De modo que a organização curricular procura traduzi-las por meio dos dois eixos que devem orientar a formação propiciada pelo curso: o eixo do "Planejamento e Gestão" e o eixo da "Teoria e Pesquisa", ambos pensados de modo interdisciplinar. "Busca-se com isso dar uma resposta àquilo que se imagina ser a complexidade das relações do turismo com a sociedade atual, chamando a atenção para a natureza transversal que o caracteriza, imerso que está em fenômenos que, tanto do ponto de vista de quem deve administrar quanto de quem deve investigar, transcendem as visões mais especializadas e fragmentadas de algumas estruturas curriculares". Este, que foi o primeiro curso de Turismo em uma universidade pública no Estado do Rio Grande do Sul, tem o objetivo de criar um elo interdisciplinar entre a investigação científica da área turística e a formação de profissionais habilitados em compreender as diversas áreas associadas a este setor, promovendo também o desenvolvimento sustentável da região sul. É salientada a preocupação com o

desenvolvimento regional, das relações humanas, problemáticas pertinentes à área, valorização dos aspectos sociais, ambientais, históricos e culturais e ainda comprometer-se com a identidade das comunidades e com o seu desenvolvimento sustentável. Na grade curricular há muitas disciplinas com ligação direta com a temática da sustentabilidade ("Meio Natural como Recurso Turístico", "Turismo, Ética e Responsabilidade Social", "Turismo e Impacto Ambiental", "Patrimônio Arqueológico", "Gestão Ambiental e o Desenvolvimento Turístico", "Turismo e Desenvolvimento Sustentável", "Turismo, Educação e Cidadania", e "Turismo e Relações de Consumo").

Considerações finais

Ao serem verificados os *websites* de Instituições de Ensino Superior Públicas brasileiras que oferecem graduações em Turismo, conclui-se que há falta de muitas informações a respeito dos mesmos, alguns *links* de difícil acesso, e principalmente, uma carência de abordagem sobre a temática da sustentabilidade. O mais freqüente é encontrar-se grades curriculares formatadas apenas com a preocupação de atender meramente as necessidades de formação para o mercado convencional de turismo e de outros setores correlacionados. Existem poucas Instituições com ênfase clara em ações que envolvam a melhoria, através de pesquisas e ações, do bem estar humano, com alternativas sustentáveis para um melhor aproveitamento dos recursos naturais e culturais.

Porém, detectou-se uma tendência, nos últimos anos, principalmente nos cursos recém criados, de fomentação à projetos e análise de questões que envolvam aspectos sócio-econômicos e ambientais. A temática de sustentabilidade vem ganhando a cada ano mais força e está promovendo maiores discussões dentro do meio acadêmico. Na área de Turismo esse debate tende a ganhar

cada vez mais espaço, já que sua realização depende diretamente de atrativos naturais, culturais, históricos ou sociais.

E essa é uma questão da contemporaneidade. É papel das Instituições de Ensino Superior olhar para a realidade e apontarem não o rumo, mas os referenciais para o debate, para a busca de uma formação mais sólida num tempo de tanta incerteza e fragilidade. Ler e discutir textos densos e difíceis oferece aos alunos instrumentos de reflexão em grupo, de aprofundamento, constituindo-se num instrumental mínimo necessário para ampliar o universo de percepções. E esse processo de formação conceitual, filosófica, deve ocorrer desde muito cedo, desde o princípio dos cursos. Não se trata de defender a beleza do conhecimento, ou que o mesmo seja buscado de forma alienada da realidade, mas sim porque esta é uma demanda do próprio mercado, principalmente para as funções de planejamento e gerenciais.

Elevar o nível do debate nos cursos permite um olhar mais alto sobre todo o cenário, que não desconsidera o mercado, mas permite uma visão crítica, mais profunda que é hoje é uma demanda importante. Se uma faculdade ou universidade percebe esta oportunidade, esta tendência de mercado que não está sendo suprida por nenhuma outra Instituição de Ensino, ela pode vir a se tornar vanguarda dessa busca pela qualidade.

Os cursos precisam se preocupar com a formação de profissionais competentes, comprometidos com a construção de uma sociedade justa, harmoniosa, para atuarem de forma transparente, com responsabilidade social, promovendo o desenvolvimento sustentável, respeitando a preservação do meio ambiente, buscando a convivência mútua dos três setores da economia, nas áreas conservadas, rurais e urbanas, em conjunto com o crescimento social. A sociedade atual necessita de profissionais com espírito

empreendedor, visão proativa, adequada ao apoio ao gerenciamento de empresas, competentes e hábeis na área empreendedora que possam atuar no processo de planejamento seja na área de assistência, seja na área executiva.

Claro, é preciso uma compreensão da necessidade atual da execução de projetos, da captação de recursos para sua viabilidade, mas não são primordialmente nos cursos de graduação ou de pós-graduação que esse preparo para a prática profissional deva ocorrer. A formação desses profissionais mais imediatos, práticos, que proponham soluções pontuais, pode ser tarefa dos bons cursos superiores de tecnologia, ficando os cursos de graduação e pós-graduação com a missão de atender a uma demanda por profissionais com visão multidisciplinar, formando a massa crítica necessária para debater conceitualmente o Ecoturismo e que possa realmente inovar, produzir e disseminar conhecimento, uma das funções das Universidades.

Na área de turismo a definição de conceitos parece ser esta uma questão resolvida, mas isso não é real. Não há produção de conhecimento na profundidade que o fenômeno carece para ser compreendido. Se a Universidade não assumir sua responsabilidade acadêmica (o mercado que aguarde um pouco), fica comprometida a capacidade do país de formar profissionais que compreendam a complexidade do Ecoturismo e, enfim, transformem o Brasil num pólo diferenciado do resto do mundo.

Cursos mais reflexivos, mais acadêmicos, acabam, em longo prazo, por atender ao mercado, pois geram publicações e implantação de programas e linhas de pesquisa. Da mesma forma que é importante ter uma visão generalista sobre meio ambiente é fundamental, também, ter uma visão ampla em turismo, pois na realidade

essas *embalagens* com as quais o turismo é travestido atendem a uma questão de mercado. Os alunos precisam ser imbuídos de instrumentais de gestão e, para isso, é necessário se dosar entre o conceitual e o pragmático, mudar a forma de olhar de modo a compreender o sistema de turismo do momento. Não há prática sem um suporte na teoria. Talvez o que esteja acontecendo é que nos cursos atuais de turismo não esteja claro essa ligação, e os alunos não estão refletindo sobre as definições que estão por trás de toda a prática.

Ou talvez seja mais uma questão de ênfase do que de falta. Sem uma ênfase na reflexão a consequência é uma prática vazia, estéril. Uma coisa é ter um curso totalmente teórico e outra é o corpo do curso ter espaços para discutir a ética, os valores, que são discussões que envolvem instâncias e indivíduos diferentes (que passa pela teoria e pela prática). Vale lembrar que um curso pode ser 100% teórico, mas muito pouco reflexivo, sendo apenas transmissão de conhecimento conceitual, enquanto outro pode ser 100% prático e totalmente reflexivo. É a reflexão que precisa estar garantida no cerne do curso. A teoria deve estar no seu devido lugar. Existem muitos teóricos que são extremamente autoritários.

O profissional formado precisa, por exemplo, refletir sobre a contradição intrínseca entre vender um produto eco, mas levar seu cliente aos destinos utilizando uma aeronave, produzida num país altamente desenvolvido e que causa grande impacto ambiental. Além de associar o Ecoturismo a um turismo de baixa escala, de pequenos grupos, para locais ermos, é preciso incorporar, também, o conceito eco a outra escala do turismo, se quisermos que nosso país se destaque no segmento como é sua natural vocação.

Organizar um curso de turismo com esta preocupação ética vai de encontro a uma demanda global por coerência. A sociedade

não suporta mais tanta destruição de princípios, tanto questionamento de valores, tanta mobilidade de referenciais comunitários, culturais e políticos. Ninguém agüenta mais o achatamento de tantos *fast foods*. Na verdade os turistas exigentes então em busca de outros cheiros e sabores, e isso é uma definição ética.

Devido a ainda incipiente tendência detectada neste estudo de incluir e aprofundar o tema da sustentabilidade no turismo, defendemos que a Universidade precisa urgentemente ocupar seu lugar neste debate, ser o *locus* da diferença. E a discussão da diferença hoje é a discussão ética. É nesse momento que ela pode oferecer campo de construção de alternativas, de alternâncias, e por isso deve atuar no campo da estética, porque assim ela produz novos olhares. Esse requisito estético é hoje uma demanda anunciada por praticamente todos os filósofos, e daí o porquê de tanta *fashion week*, tanta bienal e exposições. As pessoas no mundo contemporâneo precisam do olhar da diferença, daquele que a natureza oferecia, não pasteurizado, achatado, *standarizado* nas fotos, nas revistas.

Os cursos que melhor podem surpreender os alunos são aqueles que oferecem pistas para que eles se libertem da determinação das normas. Há uma questão importante que norteia essa reflexão: todo preceito tende a uma eternização. Muitas vezes a reflexão fica centrada no *aqui e agora* e assim a norma se eterniza, projetando para o passado e para o futuro o que se faz hoje, como se assim *sempre fosse e sempre será*. As normas se apresentam como algo que sempre foram como são. E todo o exercício da educação é na verdade, refletir para criar, para produzir a novidade, e afirmar a vida na produção do novo. Disso desdobra a norma, e não o contrário. A norma é decorrente do exercício

e, no caso da constituição das leis, o exercício da vida em sociedade. Portanto expressos em documentos A, B ou C, e não o contrário.

Reijowski e Carneiro (2003) afirmam que, por conta das mudanças e tendências à universalização da informação, a educação deve ter o propósito de reavaliar sua própria constituição, apresentando estruturas curriculares mais flexíveis, abordagens de conteúdo interdisciplinares e enfoque pedagógico que contemplem uma visão global de mundo que sustente sua cultura original.

Irving e Bursztyn (2005, 7) são categóricos ao afirmar que

nas estatísticas do turismo, não é possível a distinção entre o "sustentável" e o "insustentável". O discurso político tende a privilegiar o "sustentável", da mesma forma em que o pulveriza, em sentidos e significados diversos, capazes de banalizá-lo, transformando-o em utopia contemporânea. Mas existe uma direção possível que transcende os imediatismos políticos e busca consolidar a participação cidadã, em escalas local e global. É nesse movimento cidadão que o turismo poderá se consolidar como veículo de transformação social, que transcende fronteiras políticas e atinge o campo da ética global.

Discutir a Sustentabilidade é uma demanda não exclusivamente ligada aos temas do Ecoturismo, nem do ambientalismo ou da Educação Ambiental, mas é uma questão da contemporaneidade. Essa é a função das Instituições formadoras de profissionais de turismo: dotar o aluno de uma capacidade de reflexão (este é a verdadeira missão das universidades), fazendo permanente crítica às questões ambientais, enquanto exercita sua re-criação. Esses são os dois eixos fundamentais para a renovação dos cursos hoje existentes no Brasil. Os alunos devem desenvolver seu lado criativo, sem esquecer de uma certa quantidade de ações voltadas para o mercado. Esse é o diferencial

que fará os profissionais sobreviverem e obter retornos nunca antes imaginados. Se as Instituições de Ensino Superior puderem congregam essa formação conceitual com a habilidade para a criação, elas estarão fornecendo ao mercado um profissional capacitado, que pode mais e, ao mesmo tempo, pode menos. Quanto mais o aluno consegue pensar, mais ele atende as próprias demandas de mercado, que necessita do seu contraditório que é revisão contínua dele mesmo.

Afinal, de onde mais poderá emergir o profissional de turismo que, mais do que executar normas, seja capaz de produzir o novo? As Universidades devem assumir esse compromisso. Elaborar cursos que discutam as razões das normas que paramentam o Ecoturismo, que rotulam algo como eco ou não, como ambientalmente correto ou não, sempre problematizando essa dualidade, para poder oferecer aos alunos, na leitura das normas, todo campo de crítica e de recriação das mesmas. Um novo mercado emergirá naturalmente desta postura.

Referências Bibliográficas

- BETRÁN, J.O. **Las Actividades Físicas de Aventura en la Naturaleza: Análise Sociocultural**. APUNTS, v.41, pp.5-8, Madri, 1995.
- BRUHNS, H. T. **Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação**. In: SERRANO, C. (org). A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chronos, pp.25-46., 2000.
- CARNEIRO, M. J.; KASTENHOLZ, E. **O potencial papel da interpretação na Educação Ambiental dos ecoturistas: o caso do Parque Nacional da Peneda-Gerês (Portugal)**. In: PEDRINI, A.G. (Org.) Ecoturismo e Educação Ambiental. Rio de Janeiro: Publit, 2005, pp. 30-47.
- CATRAMBY T. C. V.; COSTA, S. R. R. da. **Estudo de caso sobre a capacitação docente na**

- área de turismo no estado do Rio de Janeiro. Caderno Virtual de Turismo, v. 5, n. 2, pp. 11-28, 2005.
- CATRAMBY T. C. V.; COSTA, S. R. R. da. **Qualificação Profissional em Turismo como Fator de Competitividade do Setor.** Caderno Virtual de Turismo, v. 4, n. 3, pp. 26-34, 2004.
- CEBALLOS-LASCURÁIN, H. **Tourism, ecotourism and protected áreas: The state of nature-based tourism around the world and guidelines for its development.** Anals of IV World Congress in Nacional Parks and Protected Areas. Gland (Suíça) e Cambridge (Inglaterra): IUCN. 1996.
- CEBALLOS-LASCURÁIN, H. **O ecoturismo como um fenômeno mundial.** In: LINDBERG, K.; HAWKINS, D.E. Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão. São Paulo: Editora SENAC, pp.23-29, 1995.
- COOPER, C.; SHEPHERD, R.; WESTLAKE, J. **Educando Educadores em Turismo: Manual de Educação em Turismo e Hospitalidade.** São Paulo: Roca, 2001.
- COSTA, N. M. C.; COSTA, V. C. **Educação Ambiental pelo Ecoturismo em Unidades de Conservação: uma proposta efetiva para o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB) - RJ.** In: PEDRINI, A.G. (Org.) Ecoturismo e Educação Ambiental. Rio de Janeiro: Publít, 2005, pp. 48-64.
- DENCKER, A.F.M. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de turismo.** São Paulo: Aleph, 2002.
- GOMES, P. M. **(Eco)Turismo: uma (Re)Leitura dos Discursos.** Brasília: IBAMA, 2003.
- Guia do Estudante - Vestibular 2007.** Ed ABRIL PP. 154-155; 191-192.
- IRVING, M.A.; BURSZTYN, I.; SANCHO, A.P.; MELO, G.M. **Revisitando significados em sustentabilidade no planejamento turístico.** Caderno Virtual de Turismo, v. 5, n.4, pp.1-7, 2005.
- JAFARI, J.; RITCHIE, J. **Towards a Framework for Tourism Education.** Annals of Tourism Research, v. 7, pp.13-34, 1981.
- KINKER, S. **Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais.** Campinas, Papirus, 2002.
- LEAL-FILHO, W. **A Educação Ambiental Aplicada ao Turismo: experiências da Costa de Caparica, Portugal.** In: PEDRINI, A.G. (Org.) Ecoturismo e Educação Ambiental. Rio de Janeiro: Publít, 2005, pp. 23-29.
- MENEZES, L. N.; CORIOLANO, T. **O Ecoturismo e os hóspedes da natureza.** In: BARRETO, M.; TAMANINI, E. (org.). Redescobrimo a ecologia no turismo. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.
- NEIMAN, Z, 2005. **Natureza e cultura brasileiras: matérias primas do Ecoturismo.** In: NEIMAN, Z.; MENDONÇA, R. (orgs). Ecoturismo no Brasil. Barueri: Ed. Manole, 2005.
- NEIMAN, Z.; MENDONÇA, R. **Ecoturismo: discurso, desejo e realidade.** Turismo em Análise, V.12, nº2, pp. 98-110, 2000.
- NEIMAN, Z. **Educação ambiental através do contato dirigido com a natureza.** 2007, 136F., Tese (Doutorado em Psicologia), USP-IP, São Paulo, 2007.
- PEDRINI, A de G.; TORGANO, M. F. **Ecoturismo com Educação Ambiental: discursos e práticas.** In: PEDRINI, A de G. (Org.) Ecoturismo e Educação Ambiental. Rio de Janeiro: Publít, 2005, pp. 13-38.
- PEDRINI, A. G. **A Educação Ambiental no Ecoturismo Brasileiro: Passado e Futuro.** In: SEABRA, G. (Org.) Turismo de Base Local; identidade cultural e desenvolvimento regional. João Pessoa: Ed. Universidade Federal da Paraíba, 2007, pp. 249-260.
- PEDRINI, A. G. **Avaliação da Educação Ambiental no Ecoturismo (com Trilhas): Uma Proposta Metodológica de Qualidade Conceitual.** Revista OLAM - Ciência e

- Tecnologia, Rio Claro (SP), v. 7, n. 2, pp. 83-106, dez/2006.
- PEDRINI, A. G. **Em busca da Educação Ambiental no (Eco)turismo brasileiro.** In: Anais do Encontro Interdisciplinar de Ecoturismo em Unidades de Conservação, 3 a 7 de outubro de 2005.
- PIRES, P. dos S. **Ecoturismo no Brasil: uma abordagem histórica e conceitual na perspectiva ambientalista.** Tese (Doutorado), FFLCH, Universidade São Paulo, São Paulo, 1998.
- REJOWSKI, M.; CARNEIRO, J.B. **Formação e capacitação de recursos humanos em turismo: ações inovadoras e estratégias.** In: REJOWSKI, M.; COSTA, B. K. (2003). Turismo contemporâneo: Desenvolvimento, estratégia e gestão. Atlas: São Paulo, 2003, pp. 203-225.
- RODRIGUES, A. B. Ecoturismo: limites do eco e da ética. In: RODRIGUES, A. B. (Org.) Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 29-46.
- SALVATI, S. S. **Interpretação Ambiental.** In: MITRAUD, S. (Org.) Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável. Brasília: WWF, 2003.
- SERRANO, C. **Uma introdução à discussão sobre Turismo, Cultura e Ambiente.** In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T. (orgs). Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente. Campinas, SP: Papirus, pp.11-25, 1997.
- SILVA, M. E. M. **Qualidade como alavanca para o desenvolvimento do turismo.** Caderno Virtual de Turismo, v. 5, n. 1, pp. 46-53. 2005.
- WALL, G. **Is ecotourism sustainable?** Environmental Management, n° 4, vol.21, pp.483-491, 1997.

Cronologia do processo editorial:

Recebimento do artigo:	05-jun-2008
Envio ao parecerista:	16-out-2008
Recebimento do parecer:	02-nov-2008
Envio para revisão do autor:	03-nov-2008
Recebimento do artigo revisado:	03-nov-2008
Aceite:	18-nov-2008